

BANDAS DE MÚSICA E SEUS BALUARTES: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROBERTO RAIOL, UM PERSONAGEM DA CULTURA DE BANDAS DE MÚSICA INTERIORANA DO BRASIL

MUSIC BANDS AND THEIR BALUARTES: STORIES AND MEMORIES OF ROBERTO RAIOL, A FIGURE FROM BRAZIL'S COUNTRYSIDE MUSIC BAND CULTURE.

Cleyson Rodrigues Ataide¹

Universidade do Estado do Pará - UEPA

RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão a respeito de personagens que dedicaram a vida inteira dentro das bandas de música. Atores, que trazem tatuados em suas entranhas a arte da música e de seus antepassados, o amor e a dedicação com essas instituições que certamente são a segunda casa, consideradas uma grande família, pois possuem íntima relação afetiva com esses clubes musicais e pelas pessoas que às integram. Baseada em uma pesquisa empírica sobre as histórias e memórias do nosso Ator Nilson Roberto Moraes Raiol junto ao “Clube Musical União Vigiense” da cidade de Vigia de Nazaré-PA. A metodologia configurou-se em estudo bibliográfico e exploratório sendo empregado procedimentos como entrevistas e pesquisa de campo. Este trabalho discorrerá sobre estas bases da sustentação, que melhor adjetivando tais personagens chamo-os de Baluartes da cultura de bandas de música brasileira, e é nesse sentido que esta pesquisa se desenvolve. Por tanto, há de se considerar que o ambiente das bandas é marcado por práticas culturais que remontam à tradição e as vivências compartilhadas e assim é a história de vida deste sertanejo como tantos outros nos confins desse País.

Palavras-chave: História 1; Memória 2; Personagens culturais 3; Bandas de Música 4; Tradição 5.

ABSTRACT

This article brings a reflection of personages who dedicated his whole life within the music bands. Actors, that bring tattooed in your bowels the music art of their ancestors, dedications and love with those institutions that are certainly the second house, considered a big Family, because they possess relationship with these musical clubs and the people who compose these clubs. Based on an empirical research about the stories and memories our Actor Nilson Roberto Moraes Raiol next to “Clube Musical União Vigiense” which are located in Vigia de Nazaré-PA. The methodology set up in bibliographic and exploratory study, using procedures such as interviews and field research. This Work necessarily speaking about these support base, that better featuring the personages call of bastions of culture of brazilian music bands, and that is the purpose of this research develops. Therefore, one has to consider that the environment of the bands is marked by cultural practices that date back to tradition and the shared experiences and so is the life story of this county person like so many others in the confines of this country.

Keywords: History 1; Memory 2; Cultural characters 3; Music bands 4; Tradition 5.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Graduado em Música pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Bacharel em Música, Regência, pelo Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG), Pós-graduado, Especialista, em Docência no Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF) e Pós-graduado, Especialista, no Ensino da Música pelo Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG). Professor horista da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Vigia, Pará, Brasil. Tv Solimão, nº 240, Centro, Vigia, Pará, Brasil, CEP: 68780-000 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7088-1961> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3146342243440482> E-mail pitthycleyson@gmail.com

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre personajes que han dedicado toda su vida a las bandas de música. Actores que llevan el arte de la música y sus antepasados tatuados en las entrañas, su amor y dedicación a estas instituciones que son sin duda su segundo hogar, consideradas como una gran familia, porque tienen una íntima relación emocional con estos clubes musicales y las personas que forman parte de ellos. Basado en una investigación empírica sobre las historias y recuerdos de nuestro actor Nilson Roberto Moraes Raiol con el "Clube Musical União Vigiense" en la ciudad de Vigia de Nazaré-PA. La metodología consistió en un estudio bibliográfico y exploratorio, utilizando procedimientos como entrevistas e investigación de campo. Este trabajo discutirá estas bases de sustentación, que puedo adjetivar mejor llamándolas los bastiones de la cultura de la banda de música brasileña, y es en este sentido que se desarrolla esta investigación. Por lo tanto, hay que considerar que el ambiente de la banda está marcado por prácticas culturales que se remontan a la tradición y a las experiencias compartidas, y así es la historia de vida de este sertanejo como tantos otros en los confines de este país.

Palabras clave: Historia 1; Memoria 2; Personajes culturales 3; Bandas de música 4; Tradición 5.

PRELÚDIO

Este não é uma grande obra musical como uma Ópera, Ballet ou até mesmo uma grande Sinfonia, mas pelo ensejo que à representa dedicarei um singelo Prelúdio (gênero musical de cunho introdutório) em prosa para compor a história e as memórias de um humilde personagem brasileiro, que se mistura com tantos outros que se dedicaram a sua vida as Bandas de Música dos interiores brasileiros. E é nesse sentido, que faço essa alusão a uma obra musical a esta pesquisa.

De quadros e retratos nas paredes, momentos que marcaram eternamente as tocatas da banda, que trazem até hoje histórias nostálgicas de encher os olhos de lágrimas, músicos que já se foram, “pessoas ilustres”, diretores de outrora, fundadores e beneméritos. Tudo isso faz parte do cenário em que se ambienta a sede do Clube Musical União Vigiense, que fica localizado na Rua de Nazaré, em Vigia de Nazaré, Estado do Pará.

Um espaço físico cheio de simbologias e lembranças, características essas, do peculiar universo das bandas de música dos interiores do Brasil, onde as bandas começam a adquirir e materializar características de uma comunidade constituída em toda sua complexidade de relações humanas deixando de ser apenas um corpo musical para se tornar um organismo vivo e dinâmico de pessoas, que se relacionam entre si e dependem uma das outras em todas as vertentes, não só musical ou em fazer música, mas sim de companheirismo, amizades eternas, amor ao clube musical, filantropismo, doação e dedicação as estruturas físicas e humanas de uma banda de música. Assim, há de se considerar, tais bandas como um verdadeiro e autêntico ambiente de “arquivo vivo”, pois, certamente, encontraremos histórias e relatos de vida que vai nos fazer entender todo esse sistema orgânico, desde sua criação até os dias atuais.

Pretendemos nesse artigo, mostrar como a história de vida do senhor Roberto Raiol está intrinsecamente relacionada a todo esse complexado organismo musical, que é uma banda de

música, calcado na pesquisa empírica em torno do Clube Musical União Vigiense do município de Vigia de Nazaré-PA² Por tanto, é importante considerar, que o espaço de uma instituição musical com esse tipo de ambientação é cercado por uma prática sociocultural e política na comunidade, que remonta à tradição e a experiência de seus baluartes (pessoas que sustentaram e sustentam as estruturas das bandas) no sentido de não se esgotar as possibilidades de renovação física/humana das bandas de música ao longo de sua existência. Segundo Granja (1984), estas instituições

Reúnem várias gerações de famílias, fornecendo músicos para as grandes cidades, revelam-se, frequentemente, como um centro de disputa sociais e políticas na comunidade e, ao mesmo tempo, promovem momentos de integração social pela magia e pelo prazer que proporcionam, expressões de um ritual coletivo, manifesto por personagem, gestos, vestimentas e outros símbolos (GRANJA, 1984. p. 10)

Com tudo, tentaremos *linkar* as vivências e experiências do nosso *Ator* com a vida cotidiana da “União Vigiense”, mostrando como a expressão “segunda família” vem a se encaixar nesse contexto de amor e dedicação de décadas junto a banda de música de onde muitos ensinamentos e lições de vida foram adquiridos ao longo do tempo, pois, foi sim, a grande escola de vida de Roberto Raiol e de tantos outros personagens, que se dedicaram as Bandas de Música no município de Vigia de Nazaré-PA. Nesse sentido Lima (2006), alude que:

A banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convivi boa parte da minha adolescência e juventude. Passava, constantemente, mais tempo na sede da banda do que no convívio de minha casa. A banda era uma outra família, uma segunda família. Ali aprendi a respeitar regras, a compartilhar problemas; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquirir outra visão de mundo (LIMA. 2006. p. 13).

Portanto, este trabalho justifica-se, a partir da pesquisa histórica no âmbito da memória e experiências de vida de Roberto Raiol no desenvolvimento social/humano/musical do “Clube Musical União Vigiense” desde a década de 70 no município de Vigia de Nazaré, Estado do Pará, Brasil, para o provimento sustentável das relações estruturais e humanas daquela instituição musical, valendo-se de atitudes filantrópicas, por não possuir nenhum tipo de vínculo com órgãos públicos ou privados de fomento para a banda de música. De tal modo, nosso Ator nos revela ao longo do tempo, como a banda de música sobreviveu e está, até hoje, por mais de um século, em

² Localizada na migro região do salgado, à 90 km da capital Belém, VIGIA foi fundada oficialmente em 06 de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, atualmente com 405 anos, Vigia tinha como nome de origem “URUITÁ”, que em tupi significa “cesto de pedras” e era como chamava-se a aldeia indígena da nação dos tupinambás existente na região. Sobre o nome atual o governo colonial construiu um posto para proteger, fiscalizar e vigiar as embarcações que abasteciam Belém, para evitar o contrabando. Foi a prática de vigiar o porto que deu origem ao nome de Vigia.

sua plena atividade musical, mostrando os nuances da vida cotidiana e de momentos históricos para uma banda de música do interior do Brasil.

Da Capo

Na música, Da Capo refere-se ao início da obra musical, e nada mais justo fazer um Da Capo à pessoa de Nilson Roberto Moraes Raiol, nascido em 18 de fevereiro de 1954 às 14h na Rua Noêmia Belém (atualmente) em Vigia/PA, é o primogênito dos dez filhos de Nilson Pereira Raiol e Arací Moraes Raiol, “Seu Roberto” como é conhecido por todos da banda, sempre acompanhou desde sua infância as atividades da “União Vigiense”, pois sua família está intrinsecamente ligada desde os seus primórdios, seus grandes baluartes, nas pessoas de Serafim Raiol (seu tio) e Cícero Raiol (seu avô).

Faz-se necessário enfatizar a importância que os depoimentos do “Seu Roberto” neste artigo são de suma relevância para que os fatos tenham fundamentação teórica, mesmo pelo empirismo, pois, tais depoimentos não são tomados como verdades absolutas, mas, quando relacionados com os autores citados, as falas de Raiol produzem uma maior credibilidade textual. Assim as fontes orais intencionam a busca do depoente ao passado e as expressões sobre a memória individual do Ator tornam-se coerentes. Nesse sentido, Cordeiro (2012) sucinta que:

Tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações como estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do indivíduo e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente, e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista, possam ser reconstruídas apenas paralelamente. (CORDEIRO, 2012. p. 10 e 11)

Neste contexto, Seu Roberto quando garoto, ao ouvir os dobrados entoados pela banda, já saía correndo para acompanhá-la nas estreitas e sinuosas ruas da cidade de Vigia, pois nesse tempo era muito comum ver as duas bandas de música em suas tocatas nas acanhadas vielas da antiga cidade de Vigia de Nazaré, do amanhecer do sol (Alvoradas) ao entardecer (Retretas), dentre outras funções (tocatas), em que as bandas exerciam, como nas festividades e datas comemorativas do município. Mas vale ressaltar, que ele só acompanhava a “União Vigiense” de seu avô Cícero, pois nesse tempo existia uma “rivalidade gostosa” entre as bandas 31 de Agosto³ e União Vigiense,

³ Fundada em 26 de dezembro de 1876 o Clube Musical “31 de agosto” foi instalado oficialmente em 31 de agosto de 1881, em homenagem a adesão de Vigia à independência do Brasil e teve como seu primeiro presidente o professor Dr. Francisco de Moura Palheta e seu principal benfeitor foi o padre/músico Alcides Paranhos, que assumiu a sociedade beneficente em 1911. (ATAIDE, 2012. p. 36)

que por exemplo, nenhuma tocava as composições da outra, principalmente os dobrados, que tinham adeptos como fieis torcedores.

- “A maior parte do repertório que as bandas tocavam na época era os dobrados, dobrados de autores locais, tanto da ‘União’ quanto da ‘31’, tinha essa coisa muito gostosa, a ‘União’ não tocava os dobrados da ‘31’, e a ‘31’ não tocava os dobrados da ‘União’, depois de muitos e muitos anos esse tabu foi quebrado, eu achava gostoso essas coisas”.

Relatou em tom de saudade o senhor Roberto Raiol a salutar rivalidade que as bandas tinham na época.

Figura 1 – Clube Musical União Vigiense em desfile



Fonte: Acervo da Família Soeiro (via página retrografia)

Nessa direção, as bandas de música brasileiras no século XIX mantinham um repertório bastante diverso com predominância dos dobrados, danças e músicas da igreja, e essa primeira se manteve até os dias atuais como o principal gênero musical das bandas de música do país, pois é, sem sombra de dúvida, o que mais se identifica com o caráter cultural das bandas e é a principal identidade cultural de uma comunidade que se constitui desse organismo musical, tal gênero possui uma marcante presença nesse repertório secular, nascido das vertentes militares e propagada, hoje e sempre, por seus mestres, compositores e músicos em todo o território nacional, dos pequenos coretos aos grandes teatros. Segundo Costa (2021),

No repertório das bandas brasileiras, de maneira geral, predominava os dobrados, marchas, maxises, polacas, polcas e músicas religiosas do século XIX foram

acrescentadas às transcrições de trechos de óperas e da música de concerto. Na primeira metade do século XX, as marchas americanas começaram a ser inclusas. No entanto, o gênero preferido e mais profundamente identificado com o som das bandas é, sem dúvida, o dobrado, vinculado às festas cívicas e patrióticas, sendo a sua presença marcante no repertório das bandas. (COSTA, 2021, p. 19)

Deste modo, Seu Roberto recorda que:

- “a banda quando passava na rua, as vezes na porta de casa, eu era ‘mulecote’, era do tempo do calção que a gente vestia, hoje se chama *short*, e eu naqueles trajés, mesmo sem camisa, a banda passava tocando os dobrados em qualquer travessa, eu saía correndo atrás da banda, isso com a *União*, porque estava ligado na minha família, pois tinha essa rivalidade muito gostosa que até hoje vagamente ainda existe, pois quem era Luzeirense tinha de torcer pela ‘União’ e quem era adepto da 31 de Agosto tinha de torcer pelo Uruitá”.

Seu Roberto nos leva ao encontro de outra memória do povo vigiense, da folclórica e saudosa rivalidade entre dois times de futebol de uma pequena cidade do interior do Brasil, como tantas outras. Falaremos um pouco sobre a rivalidade de “Luzeiro” e “Uruitá”, pois, ao aprofundarmos nesta pesquisa veremos, que “Luzeirense” advém dos torcedores do “Luzeiro Esporte Clube”, que em outrora, na Vigia, eram torcedores fanáticos de futebol, tanto quanto do “Uruitá Esporte Clube”, seu maior rival, que são os times de futebol com tradições de mais de cem anos.

Tais clubes possuíam uma grande rivalidade na cidade, assim como as bandas de música, como já foi mencionado pelo nosso ator. Essa peculiaridade relacionada ao futebol foi retratada pelo historiador Paulo Cordeiro em sua obra intitulada “Memórias dos Carnavais de Vigia (1932 a 1970)”, que retrata momentos de um período nobre dos antigos carnavais no Brasil, especialmente na Vigia, onde os bailes a fantasias e marchinhas carnavalescas eram o que alimentavam as festas dos foliões nas ruas e nos salões, protagonizando a festa profana mais famosa do Mundo.

Desde a década de 30 os bailes carnavalescos eram promovidos pelos clubes de futebol de Vigia, com concursos de fantasias e rainha do carnaval vigiense, e a música do ambiente da festa era de responsabilidade das bandinhas carnavalescas com músicos da “União” e “31 de Agosto”, tanto que Cordeiro (2012) salienta que, “era comum os clubes locais realizarem as festas com as bandinhas musicais (“31 de Agosto” ou “União Vigiense”) e tendo, como principal atração, o concurso de fantasias e a apresentação da Rainha”. Vale lembrar, que a fala de nosso Ator Roberto Raiol diz que: [quem era do Luzeiro era “União” e quem era Uruitá era “31 de Agosto”], visto que nos festejos do “Jubileu de Ouro” de ambos os Clubes futebolísticos em 1970, Cordeiro (2012) descreve:

No dia 10 de janeiro de 1970 o Uruitá completou 50 anos. Houve toda uma programação para a realização do jubileu de ouro: alvorada musical com a banda ‘31 de Agosto’

percorrendo as principais ruas da cidade tocando o hino do Uruitá Esporte Clube, e finalizando em frente à sede social, fogos, às seis, às doze e às dezoito horas; missa e sessão solene comemorativa [...] No dia 15 de fevereiro de 1970, o Luzeiro Esporte Clube completou cinquenta anos de fundação. A banda musical 'União Vigiense' desfilou pelas principais ruas tocando o hino do Luzeiro e outras músicas [...] já na terça-feira 'gorda', a noite, houve o baile carnavalesco do Luzeiro, ainda comemorando o jubileu de ouro. Teve a cobertura de uma 'aparelhagem' de som e a bandinha do Zota (alguns músicos da banda musical União Vigiense)" (CORDEIRO, 2012. p. 103, 104 e 105)

Deve-se ressaltar, que os bailes carnavalescos eram cheios de glamour e requinte de uma sociedade ponderada e conservadora dos anos 70, pois a nata da sociedade vigiense eram os responsáveis pelos bailes e assim tornaram-se tradicionalíssimos, sendo que muitas das vezes as sedes não suportavam tantas pessoas e acabavam por fechar a portas para o público. Outra curiosidade, era que o baile do Luzeiro era chamado de "Auri-Verde" acontecia aos sábados de carnaval (gordo) e "Vermelho e Preto" do Uruitá Esporte Clube, às segundas-feiras, o detalhe que eram acompanhados pelas "bandinha do Zota" (União) e a "bandinha tricolor" (31 de Agosto), respectivamente.

No carnaval de salão havia uma rivalidade entre as bandas musicais '31 de agosto' e 'União Vigiense'. A primeira, só tocava nas festas do Uruitá, inclusive era chamada de 'bandinha tricolor', a segunda, nas festas do Luzeiro, chamada de 'bandinha do Zota'. (CORDEIRO, 2012. p. 88)

Esses fatos, atualmente, muitos não à conhecem, onde só as memórias dos antigos baluartes das referidas bandas fazem renascer essas saudosas histórias de uma sociedade já modificada pelo tempo, em que essas memórias quase enterradas no esquecimento emergem mostrando para à atual sociedade, principalmente a musical, que esses momentos marcantes que aconteceram nas vidas dessas Bandas de Música são um dos motivos delas estarem, ainda, em plena atividade neste novo cenário musical.

Seu Roberto vai além, e completa:

- "a União tinha uma característica de ser uma banda muito popular, uma banda mais harmoniosa com as suas execuções, a 31 era a banda do povão, a que tinha mais identidade por ser a mais antiga da cidade, e como na União estava meus parentes, eu corria atrás dela pra acompanhar. Quando as bandas se aprestavam nos coretos, que hoje é de se lamentar que nós não temos mais os coretos, eu ia prestigiar, como era alto e baixo, tinha um revezamento, pois a banda que chegasse primeiro tocava embaixo, e a que chegava depois em cima"

Figura 2 – Coreto na década de 1980, Largo da Igreja Matriz, festa do Círio.



Fonte: Arquivo Amazo Alcantara

- “Eu vou fazer na União Vigiense 47 anos dia 13 de maio, e dentro da diretoria eu exerci todos os cargos, de presidente até a mais simples função, e depois cada vez mais preso e apegado a banda, eu comecei a fazer parte do grupo musical, tocando na banda como músico percursionista, eu devo ter quase 30 anos tocando, a gente se apresenta ainda nos eventos fora da cidade, dentro da cidade, e apesar dos meus quase 64 anos eu me sinto com muito vigor pra participar da vida da banda”.

Figura 3 – Maestro Vale e Roberto Raiol, Teatro da Paz.



Fonte: Arquivo Maestro Vale

Raiol relata sobre a importância que a banda tem em sua vida desde sua juventude até os seus atuais 64 anos, suas principais funções eram como diretor, pois ele nunca estudou formalmente música, sem ter referências teóricas de leituras de partituras ou técnicas dos instrumentos de percussão, ele toca bombo e pratos nas principais tocatas da banda, como: procissões da igreja, desfiles, alvoradas, bandinha de carnaval, dentre outros.

Atualmente ele não faz parte da atual diretoria da entidade, mas a banda encontra-se em plena atividade mantendo seus ensaios semanalmente e, principalmente, mantém sua escola de música que formam cerca de 100 crianças e adolescente na iniciação musical (musicalização). Com um contingente de 60 músicos, a banda está sempre preparada para qualquer tipo de apresentação ou concertos, com repertório que vai do carimbó ao erudito.

A Segunda Casa

As Bandas de Música são, na sua maioria, as únicas manifestações culturais de muitos municípios do interior do país, são entidades que levam a tradição por gerações, muita das vezes por vínculo familiar, e estão nos momentos mais importantes do município, tanto em eventos civis quanto religiosos. São elas, também, as maiores responsáveis pelo fomento e abastecimento de grandes músicos instrumentistas, maestros e compositores para os grandes polos de música no Brasil exercendo um papel importantíssimo no desenvolvimento sociocultural da sociedade brasileira. Para Costa(2011),

A relevância das bandas de música brasileiras, fruto de uma tradição que vem desde os tempos remotos do Brasil colonial, as bandas de música atuaram como celeiro de inúmeros gêneros musicais (entre eles, gêneros populares como a polca, a mazurca, a quadrilha e o maxixe). Tais bandas exerceram um papel de suma importância no processo cultural da sociedade brasileira, criando desta maneira, espaços de sociabilidade. Além disso, as bandas também contribuíram para o aprendizado musical, revelando grandes maestros, compositores e instrumentistas. (COSTA, 2011. p. 3).

Salles (1985) enfatiza que:

A Banda de Música é um fenômeno histórico e sociológico tão importante quanto fenômeno artístico, a banda de música vive hoje, em muitos lugares, em estado de latência. Não deixa, porém, de desempenhar importante papel de mobilizadora da comunidade nos seus momentos mais caros e solenes; de cumprir o papel de escola livre de música, verdadeiro conservatório do povo; de manter-se como guardiã da tradição musical popular brasileira. A banda de música ainda é a mais antiga e menos estudada instituição ligada à criação e divulgação da música popular. (SALLES, 1985 p.222).

Ainda Vicente Salles (1985) explana, inteligentemente, a importâncias dessas instituições musicais e acrescenta que “o papel das bandas de música, na escola dos acontecimentos artísticos

do país, é tão importante que somos forçados a dizer: não poderíamos ter boas orquestras se não tivéssemos boas Bandas de Música”, e é nesse cenário artístico que a “União”, como o nosso Ator carinhosamente à chama, está inserida a Centenária Banda de Música do “Clube Musical União Vigiense”.

Fundada em 13 de Maio de 1916, hoje em plena atividade, tem uma gloriosa e fecunda história no cenário musical do Estado do Pará. Um celeiro de formação profissional de grandes músicos, que se encontram engajados em todo o país, como: forças armadas, bandas, orquestras, escolas de música, universidades, conservatórios, entre outros. No seu início, a União Vigiense, foi concebida e sustentada pelos comerciantes de Vigia de Nazaré, adquirindo alguns instrumentos para a sua primeira formação, que constituía de 25 músicos, pois ela nasceu do rompimento de alguns músicos da Banda de Música 31 de Agosto, que tinha como tutor e maestro o Padre Alcides Paranhos⁴, em que assumiria a frente desta instituição em 1911.

Segundo Ataíde (2012), em relação ao surgimento deste “racha” na Banda de Paranhos ele sucinta que “o estatuto de 4 de agosto de 1930, a banda se compunha de 25 figuras no máximo, além de turma de reserva. Tinha sócios efetivos, honorários e beneméritos. A maioria dos músicos eram ex-componentes da ‘31 de Agosto’, que por motivos de conflitos interno criaram essa nova sociedade musical em 13 de Maio de 1916”.

Nessa conjectura, Seu Roberto, menciona as memórias de seus antepassados que viveram e/ou estavam mais próximos do período histórico aqui relacionado. Deste modo ele alude que: - “Vários músicos se afastaram da ‘31’, só que eles prometeram por ocasião da saída deles que eles iam lutar para ter a concorrente da 31 de Agosto e isso me foi repassado por tios, meu pai que está com 86 anos, minha tia que morreu perto de seus 90 anos e me contavam com detalhes dessa época”.

A Banda “União” começou suas atividades em eventos religiosos sem o consentimento de Paranhos, pois além de ser o vigário da cidade ele era, também, o maestro e responsável pela única banda de música da Vigia, e na época a figura do Padre era uma das maiores autoridades que havia, e, também, já existia uma pequena mágoa em relação ao fato de que os músicos que saíram da “31” deram início a uma outra banda de música, a recém-criada “União Vigiense” em 1916.

Segundo Roberto Raiol em entrevista para este Artigo, a “União” funcionava na “clandestinidade” um ano antes de sua fundação. Segundo ele:

⁴ Alcides Batalha da Silva Paranhos, sacerdote e músico, nascido em Belém a 27 de setembro de 1873, é considerado verdadeiro patrono da centenária corporação “31 de Agosto”. Realizou seus estudos no seminário de Belém, mestre da capela e diretor do coro do seminário arquidiocesano de Belém. (SALLES, 1985, p. 124).

- “A união em 1915 ela já estava funcionando na clandestinidade, ou seja, ela já ensaiava as escondidas em locais mais afastados do centro, pois naquele tempo Vigia era apenas uma vila. Então, se reuniam o grupo dos que saíram da “31” com mais algumas pessoas interessadas em fazer parte a ‘união’, começou fazer seus primeiros ensaios na ‘casa do sol’, esta história quem já me contou foi Cícero Raiol, meu avô, que morreu com mais de 90 anos.

- “A ‘casa do sol’ é onde está, hoje, o terminal de Vigia. Por que vovô ‘casa do sol’? Perguntei! Porque tínhamos impressão de que o sol nascia naquele lugar, quando não, ensaiavam atrás do cemitério numas casas velhas, tudo para que o Padre Alcides não soubesse, porque ele dizia que era mais fácil ele ser bispo na vida dele do que surgir a concorrente da 31 de Agosto, pois na época a situação que se tinha era difícil de surgir uma concorrente, mas a ‘união’ conseguiu se equilibrar”.

Nosso Ator foi perguntado se pediram a permissão ao Padre Alcides para a primeira apresentação, a estreia da “União” para a sociedade vigiense e ele nos relata assim:

- “Não! Ele era o padre, ele mandava. Naquela época o padre tinha uma grande autoridade no município, pois a cidade era pequena. Dizia meus parentes que a banda quando se aproximava alguma festividade eles queriam se apresentar de qualquer maneira com o consentimento ou sem do Padre Alcides”.

- “Só que teve um membro da diretoria da “união”, que tomou a iniciativa e foi falar com Paranhos, que a banda não ia cobrar nenhum cachê, nenhum tostão, ia se apresentar de graça, porque eles queriam mostrar o trabalho deles, mas o padre Alcides foi contra e que ele não dava o consentimento e aí que ele entra com a famosa frase ‘era mais fácil ele ser bispo do que surgir uma concorrente da 31’. A 31 de Agosto tocava as ladainhas, as missas que eram em latim, a ‘31’ que toca na igreja e o padre Alcides que fazia as composições para os trabalhos da igreja”.

- ” Ele não deu o consentimento, e aí que aparece a surpresa, a ‘união’ com um número pequeno de músicos tocando muito bem a festividade de forma que encantou o povo e foi após a essa apresentação ela se expandiu”.

Vigia nesse momento histórico passa por uma grande e salutar transformação sociocultural, no que se diz respeito a tradição de bandas de música no Brasil, pois abrangerá um grande quantitativo de músicos e de pessoas interessadas a adentrar as bandas, dando assim, início a uma saudável e “gostosa rivalidade” das bandas, que por muita das vezes, que é o caso de Vigia, especificamente, uma rivalidade familiar de gerações, em que a sociedade abraçara estes grupos que, até hoje, é responsável pela a “culturação” educacional dos jovens desde os primórdios à contemporaneidade.

A Alvorada

“Descanse em Paz” é uma linda composição de um dos mais talentosos mestres de banda do Estado do Pará, ainda desconhecido de muitos, e lembrado por poucos pela sua genialidade em compor dobrados, hinos, valsas, danças, marchinhas de carnaval, etc. Estamos falando de um grande baluarte da “União Vigiense”, e é com muita saudade e tristes lembranças, que Seu Roberto recorda do seu Tio, Serafim dos Anjos Raiol Filho, um dos grandes mestres da “União Vigiense”, foi poeta, compositor e regente do Clube Musical União Vigiense no período de 1918 a 1962, seu instrumento principal foi o clarinete, e depois a função de mestre de banda até o fim de sua vida.

Ao adentrar a acanhada sede da banda no município de Vigia de Nazaré, as histórias e memórias estão por todos os lados, em retratos nas paredes, que contam um pouco das lembranças daquele lugar, e há, um em especial, que Seu Roberto tem muito amor e carinho, é o primeiro registro da formação da “União Vigiense” datado de 29 de Novembro de 1925, em frente à igreja Madre de Deus (Matriz) construída pelo Jesuítas em 1733, dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, foi construída nos moldes do estilo barroco é a única no norte do Brasil. Na foto estão um dos primeiros presidentes da banda, Leopércio Mira e seu Tio Serafim Raiol.

Figura 4 – A esquerda Serafim Raiol, a direita Leopércio Mira.



Fonte: Acervo da Banda União Vigiense

- “Eu conheci um dos primeiros presidentes da ‘união’, que foi Leopércio Mira, que aliás chama-se um dos dobrados de meu Tio Serafim Raiol. Ele faz parte do início da banda, pois está no retrato mais antigo que temos aqui na parede da sede. Quando chegava a festividade do Círio de Nazaré, ele mexia uma parte do orçamento do comércio dele para providenciar o uniforme, era uma questão de honra pra ele a banda se apresentar com o uniforme novo”.

Disse Seu Roberto sobre essas duas emblemáticas figuras retratadas no mural do clube. Perguntado em que ano, mais ou menos, o mestre Serafim Raiol entrou na “União”, Seu Roberto acrescenta que:

- “A união foi fundada em 1916, mas começou a funcionar na “clandestinidade” em 1915, pois bem, essa foto aqui na parede é de 1925 e meu tio Serafim já se encontrava aqui, pela lógica ele pode fazer parte do início da Banda, pois há um intervalo de 09 anos apenas e Serafim Raiol já fazia parte, está aqui”.

Segundo Silva (2008), Serafim Raiol

Em 1918 começou a estudar e tocar clarineta no Clube Musical União Vigiense, que foi fundado em 1916 e quatro anos mais tarde em 1920 assumiu como professor, regente e compositor do Clube Musical União Vigiense, na qual nessa época as maiorias dos regentes teriam que ser o próprio compositor das referidas bandas. (SILVA, 2008. p. 27)

Há de se concordar, pela lógica que Raiol nos submete, pois seu tio teve início na música muito garoto e é nesse contexto que Roberto acrescenta que:

- “O meu tio Serafim, ele foi estudar na escola Barão de Guajará, conheceu uma professora de canto, ele era curioso pra não dizer inteligente, resolveu estudar canto com ela e quando ele chegava em casa, pegava um violão e ficava a rabiscar aquelas notas que ele tinha aprendido com a professora e através daquele entusiasmo que teve das aulas ele foi crescendo” e mais ainda...

- “Meu Tio Serafim era assim, ele gostava muito de ‘bater um papo’, gostava muito de conversar, e se ele se agradasse daquela aproximação contigo, da tua pessoa, na próxima conversa que ele ia ter contigo ele ia te homenagear, fazendo uma música pra você para que a amizade se tornasse maior, eterna. Poderia fazer um dobrado, uma música popular, uma valsa, era assim que ele fazia e colocava o teu nome como título. Um exemplo é o dobrado “José do Vale”, que foi em homenagem ao pai do ‘Aguí’ um grande colaborador da União Vigiense”

Sobre sua morte, Roberto Raiol relembra que seu falecimento ocorreu no dia de São Sebastião, em 20 de janeiro de 1962, tal data não se perde a memória, pois o fato aconteceu em plena alvorada que a banda realizara em comemoração as festividades de São Sebastião no bairro do Arapiranga em Vigia, e assim, com muita nostalgia, ele remonta aquele dia fatídico.

- “A banda estava fazendo uma alvorada, eu tinha meus nove anos, nós morávamos ali ao lado da casa do ‘parafuso’, na casa do ‘Aguí’, era uma casa de barro, a alvorada naquela época saía o mais tardar, que hoje é diferente, o mais tardar era as 5 horas da manhã, e a banda já estava na rua. No dia 20 de janeiro de 62, antes das sete horas da manhã, bateu um pescador na porta de casa, de Nilso raiol, que era meu pai, eu me levantei com aquela batida, foram atender a porta, não lembro se foi minha mãe, era um pescador de nome Abel, nosso vizinho, ele bateu na porta, foi atendido, e perguntou: Nilson está? Sim, ele está. Olha eu vim avisar ele que o tio dele, o mestre Serafim, acabou de falecer no Arapiranga.

- “Eu lembro disso como se fosse hoje, isto está vivo na minha memória, eu não me esqueço desses detalhes, dia 20 de janeiro de 1962, no bairro do Arapiranga, atrás da igreja de São Sebastião. Ele se sentiu mal, até por que na véspera da alvorada, ele passou a noite e madrugada copiando música, e das 4 para as 5 horas da manhã ele saiu pra tocar com a banda. Ele já não estava bem, tinha perdido muito sono, estava debilitado, e ocorreu esse súbito, ele teve o que se chamava naquela época de colapso, que hoje é infarto”

Roberto Raiol lembra os momentos de declínio que o “Clube Musical União Vigiense” passou após o período do falecimento do mestre Serafim, ele alude que:

- ”Após o falecimento do tio Serafim, a ‘União’ começou a importar músicos de fora, das regiões adjacentes, tinha os eventos pra ela participar, então as pessoas que estavam à frente, como no caso de Antônio do Espírito Santo Silva, o popular “Veloz”, que foi um dos presidentes que lutou bastante pela ‘União’, comerciante na época, dentro dos seu recursos ele trazia músicos de fora pra banda poder se apresentar, de São Caetano de Odivelas, Colares e Porto Salvo, de forma que foi assim, dessa maneira, que se sustentou”. Mais ainda...

- “A alavancada geral da ‘União’ começou na década de 70, foi quando Nilson Raiol (meu pai), Josué Cardoso, Meireles, Francisco Soeiro, tomaram a iniciativa de reerguer a ‘União’ então começou nesse período a levantar-se de uma pequena decadência da banda”.

Segundo Silva (2008), “O Clube Musical União Vigiense, em 1978, sob a regência do maestro, Dalmácio Siqueira, participou do II Campeonato Nacional de Bandas, promovido pela Funarte. [...] e em 79 participou do II Encontro de Bandas de Música do Pará, conquistando o 2º lugar”. Uma grande amostra da sua ascensão, uma verdadeira redenção no âmbito da música, tanto na gestão de pessoas (músicos) quanto na estrutura e materiais.

Momento oportuno desta diretoria em realizar um dos grandes sonhos do “Clube Musical União Vigiense”, a sua sede própria para ensaios e reuniões, um local onde pudessem compartilhar as suas experiências e vivências da peculiar vida de uma Banda de Música do interior do Brasil. A

partir de 1977 a diretoria não mediu esforços para a aquisição de um terreno para a construção da atual sede da “União Vigiense”, segundo Seu Roberto

- “Uma das maiores preocupações, na época desses diretores, era que a banda adquirisse sua nova sede social”, pois em 1970 a banda perdeu sua sede em um desabamento por ser antiga e com situações precárias da estrutura física ela ruiu ao chão.

Abrindo um parêntese para a memória do nosso ator em relação a construção da atual sede social do “Clube Musical União Vigiense”, em que sua atuação foi fundamental para a aquisição do terreno, onde está fundada o prédio da banda. Roberto Raiol nos conta o seguinte:

- “Essa atual sede tem seus 35 anos, isso aqui era um terreno que pertencia a prefeitura no governo do professor José Ildone, e como a banda não tinha sua sede social, a gente reunia na ‘Sociedade Beneficente 5 de Agosto’, que foi uma grande parceira da ‘União’ e o Ildone já fazia parte da 5 de agosto por muitos anos”.

- “Aí eu conversei com ele na época e reivindiquei várias áreas para fazer a nova sede da banda e ele sempre dizia ‘Roberto não tem, tá difícil’, e quando foi um certo dia passando por aqui onde é hoje a sede da ‘União’, na Rua de Nazaré, vi um terreno com muito lixo, e o prefeito dizia pra mim que não podia ajudar a ‘União’ porque não tinha uma área, e se tivesse uma área que fosse viável não haveria problema.

-“Então, certo dia, naquela época do governo do Ildone, era apenas sete vereadores e eu conhecia alguns deles como: Veloz, Mario Laercio, ninhim, Gerenaldo, e assim por diante, porque tinha que ter o consentimento da câmara dos vereadores e assim foi feito, com o aval do legislativo o prefeito autorizou a doação do terreno para a ‘União Vigiense’, mas com um grande detalhe , se não fosse construído nada em seis meses a prefeitura tomaria o terreno de volta, então, nós da diretoria nos reunirmos, Josué Cardoso, Nilso Raiol, Alcides Passarinho, eu Roberto Raiol e outros abnegados lutamos para iniciar a construção.

- “E um dos maiores nomes desta história se chamava Josué Cardoso, comerciante, que na ‘União’ sempre teve essa tradição de muitos comerciantes fazem parte da diretoria e Josué Cardoso foi um dos grandes Baluartes da União, tirava das suas economias e nos ajudou com 70% da construção da sede da banda, e todo esse tempo até os dias de hoje já foram feitas várias reformas, a última foi com a parceria do Sesc/Pa, que com a ajuda de algumas pessoas iniciamos a reforma financiando o custo da mão de obra para ser ressarcido depois pelo do Sesc/Pa, sempre dentro das minhas possibilidades eu ajudei de todo o coração a União ”

Figura 5 – Sede do Clube Musical União Vigiense



Fonte: Acervo da Banda União Vigiense

Como vimos a “União” já viveu pequenas turbulências e grandes momentos em outrora, mas com o passar do tempo, também houve um refinamento na estrutura física e uma visível lapidação musical da parte humana, pois a banda começa, a partir desse momento, a se modelar no âmbito formal e acadêmico no fazer música, buscando repertórios mais diversificados de cunho sinfônico, onde lhe concedeu status de banda sinfônica no início da década 90, com a entrada da Fundação Carlos Gomes como sua fonte de fomento tecnicista. Segundo Ataide (2012),

Na década de 80 do século XX, o ensino da música em Vigia de Nazaré passou de informal para um ensino técnico pedagógico, em priori com o tenente da polícia do Estado do Pará o Ten. Castro, que formou uma turma de musicalização na banda União Vigiense. Em 1982 a Banda criou sua escola de iniciação musical promovendo novos músicos e garantindo a renovação da banda, tornando-a mais técnica e com novos conceitos musicais. E depois já na década de 90, conveniado com Fundação Carlos Gomes o Clube Musical União Vigiense iniciou um trabalho profissionalizante na formação de Monitores de música para atuarem na educação formal da música. (ATAIDE, 2012. p. 54)

Silva (2008) reforça

Em 1990, assinou convênio com a Fundação Carlos Gomes, sendo a primeira banda a integrar o projeto de interiorização, possibilitando a integração de seus músicos em cursos de especialização e apresentações de grupos musicais com artistas brasileiros e estrangeiros na cidade de Vigia de Nazaré, como podemos citar cursos ministrados pelo PHD em Regência Martin Bergee, Holly Copland e Berry Ford da Universidade de Missouri (EUA), Maestro Zem Obara (Japão), Maestro Andy Pereira de São Paulo,

Quinteto Brasil e Quarteto de Trombone da Universidade da Paraíba, e cursos ministrados pelos Professores Gabriel Galo e Daniel Parriello da Argentina, Oleg da Rússia e Ricardo Cabrera da Colômbia.(SILVA, 2008. p. 21)

Toda essa evolução que a banda passou no decorrer dos anos, Seu Roberto jamais deixou de estar presente do dia a dia da “União”, pois era sagrado a sua ida à sede da banda todos os dias e ajudar o grupo da melhor forma possível, principalmente no que diz respeito a parte física da sede da banda e por muitas das vezes dar a mão a músicos que necessitam de fomento para algo ligado à música, até mesmo pessoal. Quantos profissionais da música que a “União” formou ainda lembram da simples e humilde ajuda que Seu Roberto lhe concedera sem pedir algo em troca? Esta é uma indagação que a história de vida de Roberto Raiol, por si só responderá.

Quantas histórias, ainda não escritas, estão se perdendo no esquecimento e nas memórias de muitos, que viveram e sentiram, o que é participar de uma Banda de Música? Aquele tio, avô, sobrinho, filho, irmão, amigo, que um dia já teve a honra de fazer parte do corpo musical de uma Banda de Música, jamais esquecerá tal passagem em sua vida, pois eles levam gravado na alma estórias, que apenas estas agremiações musicais lhes proporcionaram.

CODA

Nada melhor concluir esse artigo com uma Coda, que possui o significado de cauda em italiano. Na música, a Coda tem a função conclusiva de uma seção composicional, como os movimentos de uma sinfonia por exemplo, pois cada movimento tem sua Coda, e é nesse sentido, para mim, que toda conclusão deveria (ou deve) ser no mínimo uma singela homenagem.

Nesse sentido, componho aqui minha pequena Coda em prosa a um grande caboclo e com uma história de vida tecida nas entranhas de uma Banda de Música ao longo de muitos anos, que se confunde com tantos outros sertanejos Brasil adentro, que destinaram grandes partes das suas vidas (ou toda ela) ao amor e a dedicação a essas instituições de imensurável valor imaterial da cultura do povo brasileiro.

A instituição Banda de Música e suas práticas musicais além de caracterizar a identidade cultural de muitos lugares do Brasil é, também, uma das grandes responsáveis pelo sócio/educacional de crianças e adolescentes, dando-lhes direcionamentos para uma vida de responsabilidades e, principalmente, de profissionalização, oportunizando um futuro com a música. Alguns teóricos como Salles, delineiam nessa direção, de uma notória formação de grandes profissionais, músicos, que alimentam instituições musicais nas grandes cidades. A “União Vigiense” é um grande exemplo desse fenômeno cultural/profissional, pois muitos frutos desse trabalho, hoje, estão em diversas instituições trabalhando com música.

ATAIDE, Cleyson Rodrigues.

A 50 anos nosso Ator Nilson Roberto Moraes Raiol, o “Seu Roberto”, presença de forma efetiva a entrada desses garotos no clube musical e ver a saída de muitos para o campo de trabalho. - “O que mais me deixa feliz é em ver um músico que nasceu na ‘União’ trabalhando nas forças armadas, estudando nas faculdades de música, tocando em orquestras, isso faz parte de mim, me dar força pra continuar até o fim de minha vida na”.

Discorreu ele com orgulho, e disse mais...

- ”Meus antepassados fizeram muito pela União, hoje estou eu aqui, e outros abnegados com muito sacrifício e amanhã pode ser meus filhos e netos, pois todos são músicos e fizeram parte da banda e eu não sei o que seria sem a Banda de Música, acho que não viveria”.

Sendo assim, podemos concluir que esses personagens são tão importantes na história das Bandas de Música do país, que somos forçados a dizer que muitas delas poderiam ter desaparecidas se não houvesse esses guerreiros/heróis das bandas, que se dedicaram a vida toda, com muita paixão a essas instituições. Os verdadeiro Baluartes da cultura de Bandas de Música brasileira.

REFERÊNCIAS

ATAIDE, Cleyson Rodrigues. **Músicos da Região do Salgado: interesse e perspectivas de ingresso no Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade do Estado do Pará em Vigia de Nazaré, no Estado do Pará.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Vigia PA/2012.

CORDEIRO, Paulo. **Memórias dos Carnavais de Vigia (1932 à 1970).** Paulo Cordeiro. Cidade de Vigia. PA/2012. 2ª Edição.

CORDEIRO, Paulo. **A mulher na sociedade vigiense (1917 à década de 70).** Paulo Cordeiro. Cidade de Vigia. PA/2012. Edição do Autor.

COSTA, Manuela Areias. **Música e História:** Um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. Artigo como parte da monografia defendida em 2009. Volume 15. 1º semestre de 2011. p. 240-260.

GRANJA, Maria de Fátima. **A banda: Som e Magia.** Dissertação (Mestrado em Sistema de Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

LIMA, Ronaldo Ferreira. **Bandas de Música, escolas de vida.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas Letras e Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** In; Projeto História. São Paulo (14). Fevereiro de 1997

BANDAS DE MÚSICA E SEUS BALUARTES: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROBERTO RAIOL, UM PERSONAGEM DA CULTURA DE BANDAS DE MÚSICA INTERIORANA DO BRASIL

SALLES, Vicente. **Sociedade de Euterpe:** as bandas de música no Grão-Pará. Gene Gráfica Editora. Brasília: Edição do Autor, 1985.

SILVA, Marinildo Pereira. **Clube Musical União Vigiense: Contexto Histórico do Compositor e Regente Serafim dos Anjos Raiol Filho.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Vigia PA/2008

Submetido em: 04 de jun de 2024.

Aprovado em: 18 de jul de 2024.

Publicado em: 30 de agos de 2024